

6 Conclusões

Pequenos anjos ou seres endiabrados? Uma atividade proveitosa ou apenas mais uma atividade? Creio que este trabalho nos traz pistas e joga algumas luzes sobre este campo tão complexo que é o da Educação. O mais importante, contudo, é confirmar que não há verdades ou postulados absolutos quando se trata do humano, e particularmente de um trabalho em sala de aula, mas indicações que, cercadas pelo aprofundamento teórico e pelo constante questionamento da prática podem render mais acertos do que erros.

Assim, depois desta caminhada que tantos momentos importantes – engraçados, reflexivos, emocionantes - me proporcionou, e acredito que aos alunos escritores também, posso enunciar algumas conclusões finais sobre as crianças e a atividade em si.

Primeiramente, nunca é demais reafirmar o caráter restrito e provisório das teorias, e em particular das que tratam do desenvolvimento humano. É certo que são fundamentais para nos balizar e levar na direção imaginada, contanto que não nos aprisionemos e estejamos sempre abertos a estranhá-las, percebendo o inusitado, mudando a rota quando o caminhar assim o exigir.

Em segundo lugar, e muito em função destas primeiras colocações, cabe ao professor buscar as formas, não necessariamente inovadoras, de chegar o mais próximo possível deste aluno, buscando favorecer sua aprendizagem e aprimoramento cultural e, sobretudo, seu desenvolvimento pessoal. Não é tarefa fácil, e alguns podem alegar que a escola precisa retornar ao seu papel primeiro, de transmissora do patrimônio cultural, o que, por si só, já é bastante difícil. Realmente, não acredito que possa ser somente isso. É certo que temos, nós da escola, ampliado de forma crescente nosso campo de atuação, seja por demanda da sociedade, seja pela necessidade de nos afirmarmos vivos e atuantes, uma vez que, de todas as instituições, a escola talvez seja a que menos mudanças reais empreende ou aceita. Mas é certo também que não há modelo possível de educação que possa ignorar a complexidade das relações que se estabelecem numa sala de aula, limitando-a a um espaço de transmissão de informações ou de mera aplicação de teorias e achados científicos. Quanto a isso, nunca é demais lembrar da necessidade

de uma formação sólida e continuada, além, obviamente, de melhores condições salariais e de trabalho. E, se o magistério não é sacerdócio, tampouco é uma ocupação qualquer, que se esgota ao fim de cada dia letivo, na ida para casa; deve ser encarado com a seriedade e preparação profissional que merece.

Talvez a grande contribuição deste estudo seja mesmo para proveito próprio, meu, como educadora, pela possibilidade que tive de mergulhar fundo no universo da minha própria sala de aula, analisando com pormenores a atividade dos cadernos de texto e as produções das crianças, instrumentalizando de forma mais consistente minha prática como professora e orientadora, reafirmando a necessidade de buscar, sempre, as razões que nos levam a propor esta ou aquela atividade, avaliando-as antes, durante e após o processo. Nada disso é realmente novo. São considerações que já vimos ouvindo há bastante tempo. Talvez, concretamente, como ainda o são em grande parte as crianças deste estudo, seja necessário que cada professor passe por esses mergulhos para compreendê-las e perceber sua real necessidade. Mas, ter tratado a análise desta experiência de trabalho escolar com o rigor canônico de uma investigação me parece estar muito de acordo com os estudiosos que hoje enfatizam a pesquisa da prática escolar como um grande agente de redimensionamento do saber e do fazer docente e como forma de aproximar a teoria da prática.

Quanto a isso, não me parece demais reafirmar a dificuldade em pesquisar a minha própria prática e um campo que me é tão próximo - o da sala de aula. No entanto, creio que algumas das surpresas com que me deparei ao longo da investigação, reveladas pela objetivação dos dados a partir da análise numérica e qualitativa dos textos, além de confirmar o exposto acima, sobre a importância de um mergulho mais profundo do educador no seu dia-a-dia, e no que elege como forma de trabalho, indicam que a pesquisa levada a termo para a realização desta dissertação obedeceu às regras de uma investigação distanciada e aberta às “falas” do campo.

Estes achados, sem dúvida, passam a balizar de alguma forma minha atuação, seja em sala de aula, seja na orientação pedagógica, e me permitem encaminhar a atividade do caderno de texto com mais subsídio e clareza, além de atender e receber, de forma mais consistente, às dúvidas e as contribuições do grupo de professores. Assim, se não são as teorias e certezas inabaláveis que nos

farão perceber as demandas, tampouco a empiria e o bom senso somente nos farão seguir um caminho mais frutífero.

Sobre as crianças, seus textos deixam claro as marcas de sua fase de desenvolvimento, lembrando sempre que os limites de idade são fluidos, o que as características do desenvolvimento se apresentam ora consolidadas, ora em desenvolvimento e, algumas vezes, um pouco além do descrito. Esse “movimento” é esperado e ambas as teorias utilizadas como referencial teórico deixam claro que faz parte de um processo que não é estático nem totalmente controlável. A análise de seus escritos mostra como transitam entre uma fase e outra do desenvolvimento cognitivo e emocional, na espiral descrita por Piaget, ainda que as características mais marcantes sejam mesmo as esperadas para a faixa etária, tanto na teoria piagetiana quanto na de Erikson. E, ainda que qualquer classificação possa ser limitante, conhecer os estudos que nos dão os parâmetros para entendê-las é de suma importância para que nossa atuação se construa sobre bases sólidas.

A respeito das inquietações enunciadas no segundo capítulo, as produções das crianças, ainda que em pequenos extratos, alertam para o perigo de nos prendermos aos estereótipos e ao lugar comum. Ora, é claro que as dúvidas, os aborrecimentos e as certezas destes que lidam com as crianças diariamente são legítimos, ainda mais porque é esta pluralidade de opiniões que permite o diálogo e a busca de novos caminhos. Mas o que há de ser ter como certeza é que modelos rígidos não traduzem, via de regra, a realidade. Assim como se espera do pesquisador que esteja atento aos sinais que se mostrem no seu objeto de pesquisa, esforçando-se por não se deixar dominar pelos seus parâmetros apenas, cabe ao educador estar aberto a possíveis diferentes explicações para o que ele observa.

Ouso afirmar que são crianças, apenas. Em tantas facetas iguais às de ontem, ou ao que fomos, nós, que lidamos com elas diretamente, em tantas outras diferentes, porque pertencentes ao um outro momento histórico e a outras configurações sociais. Plenas de certezas, dúvidas, receios, sonhos, desafios, obrigações, interesses. Certo é que necessitam da nossa mediação e intervenção, do nosso caminhar ao seu lado, indicando possibilidades, corrigindo trajetórias, aproveitando bons momentos, e mesmo aprendendo com as situações que nos trazem para melhor orientá-los.

Por fim, quanto à atividade em si, se acreditamos que cada um constrói seu próprio conhecimento, e que o reformula constantemente através do que lhe oferece o mundo externo, a possibilidade de escrever e interagir através desta escrita é de suma importância. Apesar de não ter havido a correção formal, a interação que de fato ocorreu a partir das trocas de cadernos, das leituras para os colegas e dos bilhetes, entre eles e entre nós, foi uma forma bastante eficaz de troca de pontos de vista.

Parece claro que o fato de os textos não serem estritamente dirigidos contribuiu muito para que aflorassem tantos relatos, tão reveladores, de tantos assuntos. Ainda que caracterizada como uma atividade escolar, tenho certeza de que foi um passo importante para o estabelecimento de uma relação mais natural com a escrita, tão artificializada pela própria escola, e tão fundamental como instrumento libertador, como nos afirma Chartier (2001):

“a leitura é um veículo que impõe autoridade. O texto transmite em sua leitura (ao menos é o que pensam os produtores de texto) uma ordem, uma disciplina, uma forma de coação. Pelo contrário, a escrita procura a possibilidade de liberdade ao ser utilizada para comunicação (...)” (p. 24)

Sobre o prazer na atividade, uma das inquietações que deram fôlego a este estudo, creio que a questão, na verdade, estava mal colocada para mim. Percorrido o trajeto até aqui, parece-me que minha preocupação, ou vaidade, era a de propor uma atividade que encantasse, a que os alunos se referissem sempre com gosto e entusiasmo... É óbvio que havia uma intenção pedagógica real, mas certamente acompanhada do desejo de ser bem recebida e, mais do que isso, festejada. É óbvio também que há, e deve haver sempre, lugar para isso na escola: arrebatá-los, fazê-los vibrar, deixar a marca de momentos especiais, o que não significa que outras atividades, de outras maneiras, não tenham sua significação e importância nesse percurso, de forma singular para cada aprendiz, e promovam, a seu modo, o prazer pela sua realização.

Posso afirmar - pela leitura e análise dos textos e bilhetes, pela lembrança dos momentos de sala de aula, pela leitura dos questionários – que houve, sim. Certamente não o tempo todo, com certeza intenso em vários momentos. E, analisando a trajetória deste estudo até aqui, identifico vários momentos meus de absoluto desprazer, cansaço, vontade de fazer qualquer outra coisa. Nada disso, no

entanto, foi maior do que os momentos de grande alegria pela conclusão de uma parte do texto, pela compreensão de algum novo dado. Talvez algum dos alunos guarde o caderno e leia seus textos com os filhos; quem sabe outro não vai escolher o caminho da Educação e propor a seus alunos uma atividade de escrita livre. O que ficou da atividade para cada um deles é uma incógnita.

Para mim, ficou o desejo de continuar buscando os caminhos que possam promover o crescimento harmonioso de qualquer criança, seja ela de que estrato social for, e uma crença renovada nas possibilidades da escola como um espaço privilegiado de formação e desenvolvimento de nossos alunos.